

Bustos Raciais: Imagens-artefatos sobre o outro (1908-1945)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir os aspectos de *produção, circulação e consumo* de bustos raciais, aqui denominados *imagens-artefatos*. Produzidos em escala industrial com a finalidade de representar as tipologias humanas, esses bustos foram utilizados nas escolas para ensinar sobre o outro. Nortearam a abordagem, os aportes teóricos e metodológicos da biografia social das coisas e do circuito social das imagens, além das noções de cultura escolar, cultura material e cultura visual escolares. O texto foi dividido em quatro partes: antecedentes e circulação dos bustos raciais; produção da empresa especializada em objetos para a educação, a Somso Modelle (Alemanha); possibilidades de modos de utilização e, por fim, o papel desses bustos como objetos da cultura material e da cultura visual escolar, dando centralidade a percursos já percorridos por outros autores. A pesquisa foi realizada no acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle (Canoas-RS) e considerou a documentação atinente aos bustos raciais. Embora o ensino das raças tenha perpassado várias disciplinas, a investigação mostrou que essas imagens-artefatos foram utilizadas no ensino de Geografia e História Natural. Além disso, esses vestígios nos dizem mais sobre o imaginário da sociedade que os criou, do que sobre os sujeitos representados.

Palavras-chave: Bustos raciais. Cultura visual escolar. Cultura material escolar.

Felipe Rodrigo Contri Paz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre/RS – Brasil
felipecontripaz@hotmail.com

Zita Rosane Possamai

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre/RS – Brasil
zitapossamai@gmail.com

Para citar este artigo:

PAZ, Felipe Rodrigo Contri; POSSAMAI, Zita Rosane. Bustos Raciais: Imagens-artefatos sobre o outro (1908-1945). **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 172-193, jan./abr. 2021.

DOI: 10.5965/1984723822482021172

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723822482021172>

Racial Busts: Images-artifacts about each other (1908-1945)

Abstract

The present article aims to discuss the aspects of production, circulation and consumption of racial busts, here called *images-artifacts*. Produced on an industrial scale to represent human typologies, these busts were used in schools to teach about the 'other'. It guided the approach the theoretical and methodological contributions of the social biography of things and the social circuits of images, as well as the notions of school culture, material culture and school visual culture. The text was divided into four parts: antecedents and circulation of racial busts; production of the company specialized in objects for education, Somso Modelle (Germany); possibilities of use and, finally, the role of these busts as objects of school material and visual culture, giving centrality to paths already covered by other authors. The research was carried out in the collection of La Salle Museum and Historical Archive (Canoas-RS) considering the documentation related to racial busts. Although the teaching of the races pervaded various disciplines, the investigation showed that these images-artifacts were used in the teaching of Geography and Natural History. Moreover, these traces tell us more about the imaginary of the society that created them than about the subjects represented.

Keywords: Racial busts. Visual culture. School material culture.

Introdução

Em alguns museus de escola brasileiros e de outros paísesⁱ, remanesçam inertes em armários ou prateleiras, bustos raciais que representam “tipos humanos”, criados e difundidos por meio de *imagens-artefatos* no século XIX e que chegaram às escolas como instrumentos didáticos para ensinar sobre o outro, no contexto de modernização pedagógica. Esses objetos se inserem na produção artística da representação dos rostos humanos que, a partir da modernidade, agregou representação racial dos povos de continentes em exploração e colonização pelos países europeus (COURTINE, 2016). Na ânsia científica de conhecer, por meio da classificação dos elementos da natureza e do mundo, naturalistas e pesquisadores puseram-se a registrar de diversas formas tudo que lhes era estranho e considerado exótico.

Desse modo, cresciam as coleções de *naturalia* e *artificialia* dos países europeus (POMIAN, 1984; SCHAER, 1993). Mostrar o outro não se restringiu apenas à representação imagética, mas incluiu também a exposição de artefatos ou até mesmo de indivíduos vivos em exposições, feiras e salões, em contextos nos quais a discussão sobre a humanidade de africanos, asiáticos e indígenas americanos ainda era alvo de polêmicas científicas, religiosas e políticas.

No século XIX, a representação do outro se intensificou com os processos neocoloniais e, naquele contexto, foram criados os bustos raciais com utilização em áreas como a Medicina e o Direito. Assim sendo, não tardou que chegassem às escolas e fossem inseridos no ensino sobre os diferentes povos, objetificados em imagens. Dessa forma, as imagens-tipo do Cafre-Zulu, do Caucasião, do Chinês, do Australiano, do Indígena norte-americano foram alguns dos bustos raciais localizados por esta pesquisa em instituições educacionais brasileiras e que suscitaram indagações sobre a sua produção, circulação e usos nas escolas, local onde foram inicialmente encontrados.

O objetivo deste artigo foi analisar o circuito social de produção, circulação, consumo e utilização (FABRIS, 1991) desses objetos. Quanto à produção, foi analisado o caso da empresa Somso Modelle; a circulação foi explorada nos dados sobre as Exposições Universais (DITTRICH 2013; PESAVENTO, 1997) e, finalmente, foram analisados

os possíveis usos didáticos de tais bustos no Instituto São José (atual La Salle) em Canoas, no estado do Rio Grande do Sul (PAZ, 2015).

A investigação inseriu-se nos debates sobre cultura escolar (JULIA, 2001; VIÑAO-FRAGO, 2010), cultura material escolar (FELGUEIRAS, 2005) e cultura visual escolar (POSSAMAI, 2012) e propõe o conceito de *imagem-artefato* como possibilidade de análise para tais objetos.

1. Representar a humanidade por bustos: antecedentes e modos de circulação

No Mundo Moderno das Grandes Navegações e das expedições colonizadoras, os naturalistas e artistas assumiram a função de representar visualmente o outro, através de um olhar classificatório e hierarquizante, na medida em que a visão dos naturalistas criava a imagem do outro a partir da repulsa e do desvio em relação ao padrão eurocêntrico. No entanto, foi durante o século XIX, que as ciências da representação – Fisiognomiaⁱⁱ, Caracterologiaⁱⁱⁱ, Frenologia^{iv}, Craniometria^v, Antropometria^{vi} e Eugenia^{vii} – buscaram através da produção massiva de bustos, demonstrar os denominados “desvios humanos”, sejam eles de ordem racial, comportamental ou física.

Esses bustos raciais e as ideias que os sustentavam circularam durante a segunda metade do século XIX e princípio do século XX nas Exposições Universais (PESAVENTO, 1997; DITTRICH, 2013; KUHLMAN JÚNIOR, 2001), grandes eventos que promoviam o encontro de inúmeros fabricantes dos mais diversificados ramos e representantes governamentais, ávidos por conhecerem as inovações do momento.

Na terceira edição das grandes mostras, ocorrida em Londres, no ano de 1862, a Educação teve um espaço exclusivamente dedicado aos aparatos educativos e suas tecnologias. Assim, de acordo com Dittrich (2013, p. 215) "de canetas a máquinas de calcular e quadros murais", vários eram os aparelhos expostos. Desse modo, percebe-se que as exposições universais foram fundamentais para a "circulação transnacional de saberes pedagógicos" (DITTRICH, 2013, p. 228), visto que diferentes países divulgavam suas experiências didáticas e suas tecnologias da educação em um palco composto também por curiosos.

Na Exposição Universal de 1862, a seção *Educational Works and Appliances*, era reservada a demonstrar os aparatos inovadores para o ensino escolar. Os objetos expostos eram inovações de um determinado contexto histórico que visavam a normalização de um conhecimento socialmente construído e compartilhado. Dentre as comitativas representativas dos países, a seção de responsabilidade russa apresentava, sob a tutela de J. M. Heiser, escultor, e Karl Von Baer, médico, os bustos raciais e baixo relevos das raças. No catálogo *Medals and Honourable Mentions Awarded by the International Exhibition*, eram indicados esses objetos como destaque da exposição e condecorados com a medalha. Heiser permitiu que Baer utilizasse as imagens fotográficas dos seus bustos na obra *Types Principaux des différentes races humaines dans les cinq parties du monde*, baseada em sua própria tese. Os mesmos bustos, vistos na figura 1, seriam expostos em outros eventos, anos depois, tal como o *Special Loan Collection of scientific apparatus (1877)*, também em Londres, esse especialmente voltado para a instrução.

Figura 1- Bustos Raciais de Heiser



Fonte: *Types Principaux des différentes races humaines dans les cinq parties du monde*, 1862.

Para além da produção de Heiser, na Exposição Universal de Viena, na Áustria, em 1873, segundo o *Catalogue special de la section Russe* (1973, p.184), Jacques Pick (?-?), de Varsóvia, era outro representante a demonstrar as chamadas coleções de tipos etnográficos. Na página 184 da referida documentação, são enumerados "Instruments scolaires de physique; machione centrifuge et pompe à air avec accessoires; modèles fonctionnant du télégraphe Morse; Colection de Types ethnographiques".

Os primeiros bustos raciais chegariam ao Brasil na Exposição Pedagógica de 1883, realizada no Rio de Janeiro, por meio da editora italiana Paravia. Fundada em 1802, por Giovanni Battista Paravia (1765-1826) e seus companheiros, Sebastiano Botta e Francesco Prato, a empresa de Turim foi resultado da fusão de outras razões sociais. O nome da empresa passou a ser G. B. Paravia, em menção ao fundador. Segundo o *Jornal Cearense* de 14 de agosto de 1883, a chegada de produtos da editora Paravia, dentre eles bustos de gesso, representativos das raças humanas, era uma das amostras enviadas para a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, ocorrida ou a ocorrer naquele ano. Segundo o periódico, os bustos de gesso eram as principais atrações da editora, que na época já era reconhecida por suas publicações de livros para Educação Infantil. O anúncio informava que:

Entre os objetos expostos o que chama particularmente a atenção é o Arthmometro de Fr. Marinus, Provincial, conhecido no mundo por A. Arens. Nesta mesma sala se acham expostos vários mapas, plantas e oleados, compêndios do sistema métrico, e 5 tipos, em gesso, das raças humanas. Enviados pelo editor Paravia & C., de Milão. (AS EXPOSIÇÕES, 1883, p. 2)

De qualquer modo, os bustos propagandeados na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro seriam adquiridos pelo Governo Imperial do Brasil e, muito provavelmente, repassados à principal escola da época, o Colégio Pedro II. Essa suspeita decorre de um importante registro presente no livro de memórias *Chão de Ferro*, do ilustre médico e memorialista mineiro, Pedro Nava (1903-1984), na época estudante daquela instituição:

Tínhamos nossas aulas embaixo, todas no anfiteatro do gabinete de história natural, alegre dependência do internato, que dava no belo jardim antigo encimado pelo recreio dos menores. Laboratório e sala de lições eram separados por um tabique envernizado através de cujo

gradeado superior viam-se armários com os minerais, peças anatômicas envernizadas, esqueletos de animais, um esqueleto humano, um escalpelado de gesso colorido, bustos das figuras das raças [...]. (NAVA, 2012, p. 211)

Os bustos raciais produzidos pela G. B. Paravia têm como característica marcante a placa instrucional sobre as raças, geralmente fazendo referência aos teóricos Wallace e Retzius. Alfred Russel Wallace (1823-1913) foi biólogo, naturalista, geógrafo e antropólogo britânico aproximado das ideias de Charles Darwin^{viii}. Wallace nutria interesses pela aplicação da Teoria da Evolução no contexto humano. Com vistas a dar sustentação à Teoria da Evolução em seres humanos, apoiou-se na Frenologia. Anders Retzius (1796-1860), por sua vez, foi médico, especializado em anatomia, nascido na Suécia.

Assim, podemos inferir que esses objetos obtiveram um amplo êxito em sua exibição voltada para a Educação, visto que a partir da década de 1880, algumas empresas, casas e lojas que produziam aparatos didáticos e compêndios, passaram a fabricar e a comercializar também os modelos das raças humanas, como será visto na seção seguinte.

2. A fabricação dos bustos raciais

A circulação desses artefatos-imagens, e sua chegada na esfera educativa na segunda metade dos novecentos, está diretamente conectada com a produção em escala industrial no âmbito de propagação de uma cultura escolar, da qual fazia parte uma variedade de objetos e imagens que compunham a materialidade e a visualidade escolares. Para traçar o circuito social das imagens (FABRIS, 1991), assim como a biografia dos objetos (BONNOT, 2002), vários aspectos são relevantes: a produção, a circulação, os consumos, os usos e as significações, em diferentes tempos e espaços. Os bustos pesquisados foram produzidos na Europa; apresentados em eventos internacionais, tais como as exposições universais e coloniais, além de feiras e congressos pedagógicos; adquiridos e consumidos por países do mundo inteiro, inclusive pelo Brasil; alocados em diferentes espaços das escolas, desde salas especializadas até museus.

Na investigação em curso, foram identificados bustos raciais fabricados por produtoras europeias, como a Somso Modelle, da Alemanha. Nosso contato com tais

produtos ocorreu por meio das instituições brasileiras que adquiriram tais objetos, sendo abordado neste artigo o Instituto São José-La Salle, no Rio Grande do Sul, que nas primeiras décadas do século XX adquiriu cinco bustos raciais. A instituição adquiriu as peças intermediadas pela importadora de Porto Alegre, Black & Cia (PAZ, 2015). Esses bustos possuem a placa identificadora da empresa produtora e da importadora brasileira, afixados em sua parte posterior, conforme podemos visualizar na figura 2, o que foi fundamental para o prosseguimento da pesquisa, visto que a instituição de ensino salvaguardou rarefeita documentação sobre os processos de aquisição de materiais didáticos.

Figura 2 - Placas de identificação dos bustos raciais



Fonte: MAHLS, 2014.

Ginzburg (1989) desenvolve em *O nome e como*, o método onomástico, no qual, através de um nome, o historiador pode desenvolver o seu percurso de pesquisa. Ao perseguir a denominação do fabricante (GINZBURG, 1989), descobrimos que a Somso (Sommer) Modelle, fora fundada por Marcus Sommer (1845-1918), em 1876, na cidade de Sonneberg, na Turíngia, centro-leste da atual Alemanha, e tinha como especialidade produtos focados em modelagem anatômica, essencialmente em *papier-maché* e gesso, principalmente para estudos do corpo humano e de *Polomogeneverin* (modelos de frutas

e hortaliças), conforme vemos na figura 3. Dentre as peças anatômicas, os bustos raciais também foram produzidos por essa empresa alemã.

Figura 3 - Anúncio dos produtos da Somso Modelle



Fonte: Somso Modelle, 2019.

Segundo Hans Sommer (SOMMER, 2019), bisneto do fundador da empresa, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a sede da empresa ficou sob comando da República Democrática Alemã, parte socialista do país e foi expropriada de suas propriedades privadas em todo o Estado. A maior parte das peças e documentações foram danificadas ou destruídas por completo. A empresa foi reatribuída somente em 1992, e atualmente conta com um museu institucional, criado em 2001, que visa remontar a própria história através das documentações restantes.

A produção de modelos raciais para ensino escolar iniciou-se ainda no final do século XIX, seguindo a tendência do nicho mercadológico. Empresas como a editora Paravia (Itália), Brendel (Alemanha), Holzel's (Rep.Tcheca) e Tramond (França) já atuavam nessa linha de produtos, variando entre os objetos tridimensionais, os Bustos, e os bidimensionais, os quadros-parietais^{ix}. A Somso divulgava seus objetos em eventos internacionais, tais como as Exposições Universais, além de promover parcerias com

importadoras, meio pelo qual suas peças foram adquiridas pelo Instituto São José (atual La Salle Canoas). A Black & Cia, importadora de produtos localizada na cidade de Porto Alegre, comprou os bustos da Somso Modelle e os revendeu para o Instituto. A empresa Black & Cia não possuía uma linha fixa de produtos de revenda, e comercializava desde pregos e produtos químicos até utensílios de uso médico-cirúrgico. A partir de 1938, a importadora começou a comercializar materiais didáticos, ainda que em seus anúncios esses não fossem descritos. Na próxima seção, serão abordadas as possíveis utilizações escolares destinadas aos bustos raciais no Instituto São José.

3. Como eram utilizados os bustos raciais nas escolas?

O desafio aos historiadores da educação é perceptível no momento da análise documental das escolas e dos acervos escolares que possuíam os bustos raciais. No caso do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS)^x, não há registros relacionados à aquisição dos bustos raciais, nem a data precisa que esses objetos foram comprados na Black & Cia. No entanto, tivemos acesso aos relatórios e ofícios institucionais que descreviam, de modo detalhado, os pontos de ensino (conteúdos) a serem tratados nas respectivas aulas.

Desde 1936, o Instituto São José estava em processo de preparação para atender às exigências para equiparação e reconhecimento do estabelecimento de ensino pelo governo federal do Brasil^{xi}. Desse modo, os currículos apresentados seriam influenciados pelo Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, considerado à época referência em ensino. Segundo Paz (2015, p. 106), "embora com dificuldades financeiras e logísticas, os irmãos Lassalistas formataram uma estrutura coesa durante o começo da década de 1930", na qual era perceptível o empenho em suprir tecnologicamente o instituto. Com essa intenção, foram adquiridos quadros negros, pinturas e carteiras para as salas de aula e materiais didáticos, além das reformas estruturais que promoveram uma área de iluminação ampliada, janelas com ventilação, salas especializadas por disciplina – principalmente para as áreas de Geografia, Ciências Físicas e Naturais –, laboratórios de Física, Química e História Natural e banheiros modernos.

Através do *Relatório de Inspeção para concessão de inspeção permanente Instituto São José Canoas – RS (1939-1943)*^{xii}, pudemos nos aproximar das movimentações institucionais desempenhadas nesse quadriênio. Ocorre nesse período uma intensa reestruturação curricular, que visa um alinhamento de pontos de ensino com as instituições da capital federal. Em um primeiro momento, os bustos raciais não são citados explicitamente, mas se nota sua relação contextual com os pontos de ensino. Da grade disciplinar dos diferentes cursos do Instituto – Normal, Primário e Secundário –, inúmeras áreas abordavam a racialidade. Temáticas como hibridismo, raças humanas, eugenia, craniometria, higienismo e determinismo eram recorrentes. A dificuldade maior foi relacionar os bustos ao conteúdo curricular, ao menos de modo restrito. No entanto, na grade curricular normalista, ou seja, para a formação de professores, é perceptível como o contexto racialista foi considerado pertinente, principalmente no ensino de Geografia.

O Currículo de Geografia apresentava pontos de ensino como Monogenismo e Poligenismo, raças pré-históricas e graus de civilização. As teorias monogenista e poligenista são relacionadas à origem da espécie humana, em que a primeira apregoava a origem única do ser humano, enquanto a segunda afirmava que as diferentes raças da espécie possuem origens diversas. Os conceitos de raças pré-históricas e graus de civilização indicavam ainda uma forte cultura racialista hierarquizante no ensino, bem alinhadas com o determinismo geográfico, vigente no período. O próprio termo “raças humanas” era recorrente, sendo abandonado pelo Instituto em 1943 e substituído pelo termo “etnias”.

Em 1939, a disciplina de Geografia passava a ter uma sala especial para o desenvolvimento de suas atividades, na qual estavam expostos mapas desenhados e pintados à mão afixados nas paredes, além dos cinco bustos raciais da Somso Modelle: Caucasiano, Índio norte-americano, Chinês, Cafre-Zulu e Australiano (figura 4). Assim, podemos inferir que os bustos raciais eram objetos pertencentes à sala de Geografia, bem como os mapas e globos. Cada artefato representava um dos continentes, em consonância com uma classificação racial geograficamente determinada.

Figura 4 - Bustos Raciais da Somso Modelle



Fonte: MAHLS, 2014.

No entanto, os compêndios escolares, tais como *Elementos de História Natural*, de Balduino Rambo^{xiii}, por utilizarem imagens semelhantes aos bustos raciais para classificar as raças humanas demonstram indícios de possíveis usos dos bustos também nas Ciências Naturais. O *Relatório de Inspeção Geral da Instrução* (1892), redigido pelo professor Luiz Reis, indicava o uso dos bustos raciais na disciplina de Geografia, mediante as investigações em escolas da Bélgica. Infelizmente, a documentação brasileira consultada tão somente dá pistas sobre o seu uso nessa disciplina, sem explicitar a maneira como os bustos eram abordados, o que impossibilita, ao menos no atual momento da pesquisa, informações sobre as práticas de ensino com esses objetos.

4. Imagens e artefatos no contexto da cultura escolar

Os bustos raciais objetos deste artigo são considerados como elementos da cultura escolar, criados com o objetivo de ensinar e aprender sobre o outro. A noção de cultura escolar como categoria de análise e campo de investigação tem aberto, há várias décadas, possibilidades profícuas para a História da Educação (FARIA FILHO, 2004), no sentido da renovação de objetos e abordagens, bem como da descoberta de documentação também original e interessante para compreensão do passado. Desse modo, a cultura escolar foi inicialmente proposta como normas e práticas definidoras de saberes e comportamentos (JULIA, 2001). Essa primeira tentativa de definição apontou especialmente para a necessidade de incorporar as práticas escolares nas pesquisas, pois

nem sempre as abordagens macroestruturais conseguiam abarcar os descompassos entre o projetado, seja no âmbito das ideias pedagógicas, das reformas educativas ou dos currículos, e o vivido pelos sujeitos no cotidiano das escolas (FARIA FILHO, 2004).

No aprofundamento dessa noção inicial de Dominique Julia, Antonio Viñao-Frago (1995, p. 253) agregou o viés antropológico da vertente da História Cultural e propôs uma ampliação para todos os aspectos da vida social, ou seja, “hechos e ideais, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer” fazem parte da cultura escolar.

conjunto de aspectos institucionalizados— incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos —la historia cotidiana del hacer escolar—, objetos materiales —función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición...—, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. Alguien dirá: todo. Y sí, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. (VIÑAO-FRAGO, 1995, p. 253)

Tendo em vista essas singularidades, a análise de alguns objetos investigados impõe a reflexão sobre as relações entre uma cultura mais ampla e a cultura escolar. Quando o estudo das raças foi incluído nos currículos da instrução, as imagens e as coisas eram consideradas fundamentais para mostrar o outro, em contexto da voga do ensino intuitivo. Assim, as representações do outro, como aspecto presente na cultura novecentista, adentraram o currículo escolar. E, por outro lado, a cultura escolar criou saberes singulares e originais traduzidos por meio de compêndios didáticos, imagens ou artefatos, para ensinar sobre os diferentes povos. Finalmente, através dos bustos raciais aqui analisados, representações imagéticas dos outros foram criadas e difundidas na escola e penetraram na vida social como um todo, numa cadeia que se retroalimenta sistematicamente e que torna indissociáveis a cultura escolar e a cultura mais abrangente.

Desse modo, se a noção de cultura escolar foi pensada de modo mais amplo para compreender aspectos comuns às escolas, por outro lado, as diferenças impuseram pensar em “culturas escolares”, tendo em vista que cada instituição apresenta características e dinâmicas que não se repetem (VIÑAO-FRAGO, 1995), a oferecer possibilidades de investigação de cunho micro-histórico. O enfrentamento dessas infinitas

possibilidades, por sua vez, exige de nós pesquisadores a descoberta de documentos pouco visitados pela historiografia, mais afeita a lidar com os registros escritos.

Nessa perspectiva, somos desafiados a conceber como documentos do passado aqueles materiais e imagens prosaicos que ainda habitam as salas de aula ou que foram relegados aos museus e acervos da escola. Para os limites deste artigo, foram justamente objetos esquecidos nos museus que suscitaram a investigação em tela. Para compreender os bustos raciais, além da noção de cultura escolar, foi fundamental inseri-los na cultura material escolar, por serem objetos tridimensionais produzidos a partir de determinada materialidade, e na cultura visual escolar, por serem fundamentalmente imagens. Desse modo, são documentos que assumem uma dupla configuração, material e imagética.

Cultura material é um termo polissêmico com apropriações diversas em diferentes saberes (REDE, 1996) e a cultura material escolar (FELGUEIRAS, 2005) encontra maior aproximação com a noção cunhada especialmente pelos arqueólogos que caracterizaram e reuniram os achados de diferentes culturas do passado num conceito único. Desse modo, segundo Rede (1996, p. 274) “o termo cultura material [...] denota que a matéria tem matriz cultural e, inversamente, que a cultura possui uma dimensão material”.

Esperamos já ultrapassados os debates sobre a capacidade de alcançar conhecimento histórico por meio das coisas materiais em oposição à pesquisa realizada com documentação escrita (MENESES, 1983). Contudo, ainda é mais comum encontrar estudos sobre a cultura material em saberes como a Arqueologia, a Antropologia, a Museologia e a História da Educação (FELGUEIRAS, 2005). A capacidade de ubiquidade das coisas materiais na vida humana ainda se constitui em um dos potentes argumentos a reforçar as possibilidades exploratórias do estudo das coisas. Se devemos fazer história com tudo que foi deixado como pistas e sinais da criação humana, conforme Ginzburg (1989), as coisas físicas também estão aí incluídas.

Se a materialidade se constitui em componente da vida social e esta, por sua vez, possui uma dimensão material a não ser negligenciada, também a escola foi inventada ao longo do tempo com base em ordenações espaciais e em objetos móveis, materialidades que deram ensejo a uma configuração singular que resiste ao tempo em muitos aspectos, destarte as mudanças visíveis. Mais que os escritos, por sua presença física e exposta nos museus, os documentos materiais têm a capacidade de nos inebriar num viés nostálgico

sobre os tempos de outrora, preocupação apontada pela Historiografia da Educação no sentido de não fetichização dos objetos do passado escolar (FELGUEIRAS, 2005).

A investigação desse universo de coisas físicas tem apontado para um “giro material na historiografia educativa” em dois sentidos, de acordo com Dussel (2019, p. 17). Por um lado, esse viés concebe os objetos como atores da vida social, no sentido de que não são apenas projeções das ações humanas, mas que também criam ações e emoções. Por outro lado, considera que os objetos não são materialidades inertes, mas nas palavras de Dussel (2019, p. 18) “como los humanos, también están en movimiento, tienen una historia que no es previa a los sentidos que se construyen sobre ellos ni a las redes en que se inscriben”. Ao contrário, a cultura material necessita ser considerada como documento da vida social e, nesse sentido, os artefatos devem ser tomados como produtos e como vetores das relações sociais (MENESES, 1983).

Nessa perspectiva metodológica, o estudo dos objetos tem aportado contribuições importantes para a abordagem das coisas na vida social, seja no presente como em tempos pretéritos. Interessou para os limites deste artigo a perspectiva de elaboração de uma biografia social dos objetos (APPADURAI, 2008; BONNOT, 2002), na perspectiva de que as coisas têm uma vida, desde sua produção, passando pela circulação, consumo e descarte pela sociedade, processos nos quais estão presentes as relações sociais das quais esses objetos são vetores. Em suas trajetórias, as coisas assumem estatutos distintos, seja como mercadorias e objetos de troca no contexto fabril de seu surgimento e comercialização (KOPYTOFF, 2008; BONNOT, 2002), seja segundo Bonnot (2002, p. 5), como *objeto singularizado*, quando interessa “estudar a história das singularizações sucessivas, classificações e reclassificações às quais os objetos foram submetidos segundo as categorias socialmente construídas”.

Nesse sentido, como objeto singularizado, interessa também sua transfiguração em objeto semióforo (POMIAN, 1984), quando lhe foram atribuídos determinados sentidos que possibilitaram sua perenidade no tempo, muitas vezes como parte de uma coleção, até a sua inserção no espaço museal, aspecto que possibilitou descobrir os documentos desta pesquisa. Entretanto, nesse último âmbito, os bustos raciais aqui analisados e ressignificados como patrimônio educativo em museus da escola não se

constituem em objetos do outro (STOCKING JR., 1985), mas objetos que representaram o outro em imagens.

Os bustos raciais aqui investigados foram criados para o ensino nas escolas e assumiram o aspecto visível nas suas configurações materiais e, por outro lado, deram condições para que fossem produzidas em certas direções as relações sociais entre aqueles que produziram as classificações e aqueles que foram classificados a partir dessas imagens. Entretanto, hoje, para a História da Educação, são documentos e monumentos (LE GOFF, 1994) de determinado tempo e que dizem mais sobre o imaginário da sociedade eurocêntrica que os criou como artifício de aprendizagem sobre outros povos, do que sobre esses povos imaginados.

Por outro lado, assim como não podem ser tomados como objetos do outro, esses bustos não podem ser considerados apenas como coisas, artefatos criados para serem utilizados de modo ordinário, tais como cadeiras, classes, mesas, cadernos e outros objetos. Mesmo que tenham a forma tridimensional, o fundamental em sua conformação se constitui na imagem que representa um determinado grupo racial. Nesse sentido, podem ser pensados a partir dos estudos sobre cultura visual (KNAUSS, 2006). Este campo também interdisciplinar, cujos debates têm aproximação com a incorporação da noção de cultura nas ciências humanas, os chamados estudos culturais, não está muito distante do movimento teórico-metodológico que levou a História da Educação a chegar nas noções de cultura escolar e cultura material escolar, conforme visto anteriormente.

Se a vida social é permeada e criada pelas coisas materiais e estas, por sua vez, comportam uma dimensão cultural, o mesmo pode ser afirmado em relação às imagens, presentes como criação da humanidade antes mesmo do advento da escrita. Para os estudos históricos, é pertinente, conforme Knauss (2006, p.106) “uma definição abrangente, que aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade”. Embora as imagens visuais contenham uma dimensão material, sem a qual não adquirem existência na vida social, suas peculiaridades como imagem comportam ainda outras problematizações concernentes especificamente ao visual.

No escopo educativo aqui estudado, pode-se ver a conformação de uma cultura visual escolar (PAZ, 2015) composta por todos os aspectos visíveis e invisíveis que

configuram uma determinada visualidade no espaço escolar, mas que ultrapassa os muros da instituição. A cultura visual escolar, desse modo, está imbricada com a cultura material necessariamente por não prescindir dos suportes que a sustentam, a exemplo de quadros, cartazes, cadernos, livros didáticos, mobiliários, entre tantos outros objetos. Essa cultura visual escolar pode ser vista na arquitetura, no desenho e na organização dos espaços externos (tais como pátios e zonas de recreação) e internos (salas de aula e suas configurações singulares, a exemplo da disposição das classes e das imagens nas paredes).

Ao ultrapassar os muros da escola, essa visualidade circula pelos espaços urbanos, a exemplo dos estudantes vestidos com uniformes escolares (PAZ, 2015), e penetra nos lares de estudantes, de mestres, de pais e de mães envolvidos com a cultura escolar. Desse modo, como não poderia deixar de ser, a escola se constitui como produtora e agenciadora de visualidades e se inscreve no âmbito dos sistemas visuais da sociedade (MENESES, 2005).

A partir dessas problemáticas concernentes aos universos material e visual da escola, denominar esses bustos raciais como “imagem” ou como “artefato” pareceu-nos insatisfatório para abarcar a complexidade deles oriunda. Embora saibamos que não há imagem sem suporte material, pois mesmo a imagem virtual necessita dos aportes tecnológicos que permitem sua existência, tampouco consideramos adequado denominar os bustos raciais apenas como imagem, de modo a poder diferenciá-los de outras imagens bidimensionais da cultura material escolar. Propomos, então, a junção dos termos de modo a melhor caracterizar tal objeto visual e material. “Imagem-artefato”, desse modo, permitiu particularizar imagens que assumem a forma de objetos tridimensionais, a exemplo dos bustos raciais aqui analisados.

Sem dúvida, a significação desses objetos está concentrada na imagem criada para representar o outro. Nessa perspectiva, esses objetos foram concebidos desde sua criação como semióforos (POMIAN, 1984), ou seja, com a intenção de representação de algo ou alguém. Não são, assim, artefatos prosaicos utilizados na cultura escolar e alçados à condição de semióforos ao serem incorporados como peças de um museu. Na condição de imagens-artefato foram invenções originais da cultura material e visual da escola, naturalizados pela cultura escolar como recursos didáticos para ensinar e

aprender sobre os diferentes, os exóticos e os estranhos, em contexto no qual predominavam as teorias raciais em diversos saberes científicos, inclusive na educação.

Considerações finais

Desde tempos remotos as imagens-artefatos dos bustos raciais foram criadas para representar homens e mulheres com diversos objetivos. Especialmente, a partir da modernidade e da intensificação dos contatos entre os povos, esses objetos foram utilizados para representar, classificar e conhecer o outro, considerado como exótico para o olhar europeu. Os bustos raciais analisados nesta pesquisa foram produzidos por uma cultura científica classificatória e evolucionista preponderante nos noventa e que almejava situar o outro e sua cultura em patamares inferiores à cultura branca e europeia. Também foram inseridos na lógica da industrialização e das trocas comerciais, sendo objeto de consumo.

Se temos condições de conhecer as ideias científicas que circulavam naquele contexto e que se amalgamavam à cultura escolar, também sabemos que as coisas e as imagens podem engendrar sentidos diversos daqueles que os deram origem e que podem criar ações e emoções nos sujeitos que com elas interagiram. Sabemos também que foram retiradas de circulação e escondidas, em contextos de condenação das ideias e conteúdos eugênicos a elas relacionadas. Talvez, por esse motivo, poucos bustos raciais tenham sido preservados nas instituições escolares brasileiras.

Deslocadas no espaço, expostas nos museus escolares e distantes dos tempos de seu uso e criação, essas imagens-artefatos do Cafre-Zulu, Branco Caucasiano, do Chinês, do Australiano, do Índio norte-americano, entre outros, aguardavam uma mirada da historiografia da educação no presente que as ressignificassem, não apenas como documentos para invenção do passado, mas como possibilidade de compreensão dos modos de classificar, representar, ensinar e aprender sobre os outros. As pistas alcançadas permitiram chegar aos aspectos de sua produção, circulação e consumo, demonstrativos da importância que tiveram na cultura escolar do período investigado.

Referências

AS EXPOSIÇÕES Universais, **Jornal Cearense** (Órgão Liberal), Fortaleza, ano 1, n.2, p.2, 14 ago.1883. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 12 fev.2018.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF, 2008.

BAER, Karl. **Types Principaux des différentes races humaines dans les cinq parties du monde**. São Petersburgo: s.n., 1862.

BONNOT, Thierry. **La vie des objets**. Paris: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine (org.) **História do rosto**: exprimir e calar as emoções. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

DITTRICH, Klaus. As exposições universais como mídia para a circulação transnacional de saberes sobre o ensino primário na segunda metade do século 19. **História da Educação [online]**, Santa Maria, v. 17, p. 213-234, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2236-34592013000300013>. Acesso em: 12 fev.2019.

DUSSEL, Inés. La cultura material de la escolarización: reflexiones en torno a un giro historiográfico. **Educar em Revista [online]**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 13-29, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/67776> Acesso em: 10 jan.2020.

FABRIS, Annateresa. O circuito social da fotografia: estudo de caso I. In: Fabris, Annateresa. (org.). **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1991. p.39-57.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, Porto: Universidade do Porto, v. 16, n. 1, p. 87-102, abr. 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação [online]**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em: 1 jun.2018.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura. Dossiê História, Arte & Imagem [online]**, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 97-115, 2006. Disponível em: <https://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406> Acesso em: 3 maio 2019.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LIBRARIA PARAVIA. Libreria Paravia, 2019. Storia della libreria. Disponível em: <http://www.libreriaparavia.it/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História [online]**, Maringá, n. 115, p.103-117, 1983. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em: 10 fev.2015

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia (org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2005. p. 33-56.

NAVA, Pedro. **Chão de ferro**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

PAZ, Felipe Rodrigo Contri. **Cultura visual e museus escolares: representações raciais no museu Lassalista (Canoas, RS, 1925-1945)**. 190 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2015.

PESAVENTO, Sandra. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

POMIAN, Krzysztof. Coleção, In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, p. 51-86, 1984.

POSSAMAI, Zita Rosane. A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum Biografia duma Cidade, Porto Alegre, 1940. **História da Educação [online]**, Santa Maria, v. 19, n. 47, p. 129-148, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/46286> Acesso em: 10 set.2017.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista [online]**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 265-282, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a18v4n1.pdf> Acesso em: 11 set.2017.

REIS, Luiz Augusto dos. **O Ensino Público Primário em Portugal, Hespanha, França e Bélgica** - Escolas primarias elementares e superiores, maternas, profissionais, normas, asylos e jardins infantis, museus pedagógicos etc. - Relatório apresentado a Inspectoria

Geral da Instrução da Capital Federal pelo Professor Luiz Augusto dos Reis. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1892. Disponível em: Biblioteca Nacional do Brasil. <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 24 fev. 2018.

SCHAER, Roland. **L'invention des Musées**. Paris: Gallimard, 1993.

SOMMER, Hans. **[Entrevista sobre a história da Somso Modelle]**. 18 jan. 2018. [Entrevista concedida via correio eletrônico no endereço office@somso.de]

SOMSO MODELLE. **Somso Modelle GMBH**. 2020. History of Somso and Foundation of the company. Disponível em: <https://www.somso.de/en/somso/firmengeschichte/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SOUTH KENSINGTON MUSEUM. **Catalogue Special de la section Russe à l'Exposition universelle de Vienne en 1873**. Russia Commission impériale russe de l'Exposition universelle de Vienne, 1873. Harvard University - Cambridge. Acesso em: 1 de agosto de 2018.

SOUTH KENSINGTON MUSEUM. **Catalogue of the Special Loan Collection of Scientific Apparatus At the South Kensington Museum**. MDCCCLXXVI. 3d ed. London: Printed by G.E. Eyre and W. Spottiswoode, for H.M. Stationery Off., 1877.

SOUTH KENSINGTON MUSEUM. **Medals and Honourable Mentions Awarded by the International Exhibition. Edition** G.E. Eyre, 1862. Digitalized. Oxford University, 459 páginas. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

STOCKING JUNIOR, George. **Objetos e os outros: ensaios sobre museus e cultura material**. In.: STOCKING JR., George W. (org.) **History of anthropology**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1985. p. 3-13.

VINÃO-FRAGO, Antonio. **Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones**. **Revista de Educación [online]**, Murcia, n. 306, p. 245-269, 1995. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/pseletivo/docs/FRAGO.pdf> Acesso em: 17 jul. 2019.

ⁱ Foram localizados bustos raciais no Museu do Homem, França; no Museu da Anatomia Humana, Itália; no Museu de História Natural de Coimbra, Portugal; no Instituto Superior de Educação de San Izidro, Espanha; no Smithsonian Institution, Estados Unidos; no Museu Pedagógico José Pedro Varela, Uruguai e no Museu Juan Ambrosetti, na Argentina. No Brasil, os acervos do Museu e Arquivo Histórico La Salle e do Museu Bispo Isac Aço do Colégio Americano (Rio Grande do Sul); o Instituto Superior de Educação (Rio de Janeiro) e o Colégio Marista Arquidiocesano (São Paulo) possuem tais peças.

ⁱⁱ A Fisiognomonía é a prática de avaliar os caracteres a partir da forma do rosto.

ⁱⁱⁱ A Caracterologia, por sua vez, é o estudo da personalidade.

^{iv} A Frenologia é a pseudociência que estuda as faculdades mentais do indivíduo através das protuberâncias de sua cabeça.

^v A Craniologia ou Craniometria estuda os crânios humanos.

^{vi} A Antropometria é o estudo das medições corporais ou sua partes.

^{vii} A Eugenia é a pseudociência que visa selecionar e evoluir a raça humana.

^{viii} Charles Darwin (1809-1882) trocava missivas com Wallace, visto os interesses de pesquisa em comum, no que tange à evolução, pois o evolucionista valeu-se das ideias de pesquisadores do mundo inteiro para sustentar suas teorias.

^{ix} São painéis com objetos afixados ou gravuras representativas dos mais variados temas educacionais. As raças humanas também foram representadas pelos quadros parietais.

^x Fundado em 1998 para ser o centro de memória das escolas Lasallistas de Canoas, das quais o Instituto São José - La Salle (fundado em 1908) fazia parte. Os bustos raciais eram utilizados nesse instituto que focava o ensino normalista.

^{xi} As equiparações necessárias desde 1931, com a Reforma de Francisco Campos, agora eram implementadas com maior rigor. É sensível o crescimento de documentações institucionais que dão conta dos conteúdos programáticos necessários para complementar o currículo, tanto no Ensino Primário, quanto Secundário e Normal.

^{xii} Apresentado à comissão de ensino secundário pelos senhores inspetores: Dr. Alcides Prates, Dr. Jacob Edgar Horn, Dr. João Octávio Nogueira Leiria foi emitido com a finalidade de conseguir a concessão permanente para a instalação efetiva do ensino secundário.

^{xiii} Balduino Rambo (1906 – 1961) religioso, professor e escritor gaúcho viveu muitos anos estudando botânica na Alemanha. Ao voltar ao Rio Grande do Sul lecionou aulas de História Natural no colégio Anchieta.

Recebido em: 08/06/2020

Aprovado em: 21/10/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 22 - Número 48 - Ano 2021

revistalinhas@gmail.com